

Proletários de todos os Países: UNI-VOS



O Militante

O LETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

INTENSIFIQUEMOS A RECOLHA DE ASSINATURAS

PARA A MENSAGEM QUE REIVINDICA

Um Pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências

O nosso País recolheram-se já mil assinaturas para os Apelos que exigem a proibição da bomba atómica.

Cabe aqui fazer algumas considerações sobre o trabalho de envolvido pelo nosso Partido e pelos nossos militantes nesta jornada de luta pela Paz.

A despeito das condições em que tem decorrido toda a luta pela Paz no nosso País, sob a mais feroz repressão fascista, não podemos deixar de reconhecer que muito mais se poderia ter feito, que se poderia ter ido mais longe, conhecido como é o amor do povo português à Paz. Não. Nem de longe aquele número traduz a vontade de Paz do povo português e tanto bastava para que os comunistas não se pudessem dar por satisfeitos com a sua participação de lutadores de vanguarda naquela jornada a favor da Paz.

Por isso, não podemos deixar passar em claro os nossos erros e as nossas deficiências que muito contribuíam para que o número de assinaturas recolhidas não fosse mais elevado.

Em primeiro lugar, nem todos os nossos militantes tinham nem têm ainda uma ideia exacta dos perigos duma nova guerra. E assim, a sua participação na campanha de esclarecimento, de propaganda e de recolha de assinaturas não podia deixar de ser deficiente. Isto prejudica e prejudica ainda grandemente o desenvolvimento da luta pela Paz no nosso País.

Em segundo lugar, nem todos os nossos militantes tinham, nem têm ainda uma ideia exacta acerca da vontade e decisão do povo português de lutar pela Paz. Substituindo a capacidade de luta do povo pela Paz, os nossos camaradas hesitaram, não tomaram iniciativas, receosos de que elas não fossem por diante. Se o fizessem é fora de dúvida que elas se teriam transformado em outras tantas jornadas vitoriosas de luta pela Paz no nosso País. Substituindo a capacidade e de luta das massas e isolando-se delas, estes nossos camaradas revelaram o seu medo das massas, medo que deve ser estranho a toda o comunista.

Em terceiro lugar, embuidos dum espírito sectário alguns dos nossos militantes não estavam em condições de mobilizar para a campanha da recolha de assinaturas as largas massas da população. Estes camaradas não tinham nem têm ainda a justa compreensão das necessidades e possibilidades de alargar, fortalecer e consolidar o Movimento dos Partidários da Paz, no qual cabem homens, mulheres e jovens de todas as crenças, ideologias e classes, que amem a Paz e estejam dispostos a lutar por ela.

Em terceiro lugar, alguns comunistas defenderam a ideia errada de se concentrar nos postos de direcção «personalidade», que se revelaram verdadeiros castradores do movimento da Paz, em vez de defenderem a ideia de chamar para esses cargos e pessoas simples e activas, já provadas nas jornadas anteriores de luta e capazes de dirigir e encabeçar acções concretas de luta pela Paz.

Substituindo a importância duma pequena iniciativa, duma pequena acção a favor da Paz, muitos dos nossos militantes esqueceram-se que as pequenas lutas conduzem às grandes lutas, esqueceram que, se uma assinatura pouco vale, uma assina-

tura em casa família portuguesa representaria centenas de milhares de assinaturas. Neste momento, em que se desenvolve em todo o mundo uma ampla campanha para a recolha de assinaturas para a Mensagem do Conselho Mundial da Paz reivindicando a conclusão de um Pacto de Paz entre as Grandes potências (E. Unidos, U.R.S.S., República Popular da China, Grã-Bretanha e França), o qual muito contribuiria para a evitar os perigos duma nova guerra, há que ter presentes todos os erros e deficiências cometidas e não regatear esforços e energias para os eliminar.

Até aos fins de Outubro tinham sido recolhidas em todo o mundo 572 milhões de assinaturas para aquela Mensagem, isto é, um quarto da população total do Mundo já se pronunciou pela conclusão dum Pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências.

As 2.000 assinaturas recolhidas em Portugal até meados de Outubro para a Mensagem para um Pacto de Paz, número que traduz bem o atraso do movimento da Paz no nosso País, põe em evidência a necessidade de todos os militantes fazerem um sério esforço para o cumprimento vitorioso desta importante tarefa.

M. s. no mesmo tempo, há que não esquecer que só na medida em que a luta pela Paz se alargar de norte a sul do país, só na medida em que os comunistas souberem participar e apoiar todas as iniciativas que tenham por fim a luta contra os preparativos de guerra levados a cabo pela camarilha salazarista e contra a transformação do nosso país em colónia dos impériosistas anglo-norte-americanos, só nesta medida a recolha de assinaturas para a Mensagem que reivindica um Pacto de Paz se transformará numa jornada vitoriosa.

Isto quer dizer que a cada preparativo de guerra da camarilha salazarista impõe-se que as massas populares respondam com uma nova acção a favor da Paz. Cabe aos defensores da Paz e aos comunistas como lutadores de vanguarda da sagrada causa da Paz, levar as pessoas simples e amantes da Paz de Portugal a lutar contra todas as acções de guerra salazaristas, por meio de protestos, exposições, cartas colectivas dirigidas às autoridades, tendo sempre bem presente que as acções em defesa da Paz devem ter sempre objectivos concretos.

Há que explicar às pessoas simples que na medida em que numa localidade elas lutem pela abertura ou reparação duma estrada, pela construção dum hospital, pela instalação de luz eléctrica, água, telefone, e, etc., elas estão também lutando pela Paz pois que assim reivindicam que o dinheiro da Nação seja gasto em obras de construção pacífica e não na compra de armamentos e outros preparativos bélicos.

São acções a favor da Paz a recusa dos portuários de descarregamento de material de guerra, a recusa dos ferroviários a transportá-lo no interior do país; são acções a favor da Paz as inscrições nos muros estradas e outros lugares públicos de palavras de ordem de Paz e contra a guerra; são acções a favor da Paz a boicotagem de filmes de guerra, e pagamento de filmes de actualidades de guerra, a boicotagem de jornais e livros de propagandas de guerra; são acções a favor da Paz todos os protestos e lutas contra a alta e crescente do custo da vida, a organização de conferências sob temas de Paz em colectivos, associações, etc. a transformação de aniversários históricos e jornais de Paz; são acções a favor da Paz a organização de recitais, espetáculos de teatro e cinema em que se representem ou corram filmes pacifistas, a organização de passeios excursões e outras diversões no decorrer das quais o problema da Paz seja abordado para o esclarecimento de todos.

A organização destas e doutras acções e iniciativas a favor da Paz implica que os partidários da paz de vanguarda e em particular os comunistas estejam sempre estreitamente ligados às massas, implica da parte destes uma grande maleabilidade e compreensão das necessidades e dificuldades existentes.

Os comunistas devem dar à luta pela Paz o melhor das suas energias e actividade. Eles devem ser por toda a parte os elementos dinamizadores: desta luta, devem fomentar por toda a parte as iniciativas das massas sem partido e actuar no sentido de que as pessoas simples e provadas na luta sejam promovidas a postos de direcção, orientando-las nas acções concretas a favor da Paz.

Por toda a parte, ali onde haja pessoas simples dispostas a lutar pela paz, os comunistas devem fomentar a formação de Comissões de Paz compostas por essas pessoas sem se olhar as suas crenças, ideologia e classe. Comissões que serão os núcleos activistas de luta pela paz. Cabe ainda aos comunistas fomentar a agitação e propaganda de paz e desmascarar as manobras e objectivos dos fomentadores da guerra, destacando o papel da U.R.S.S. e das Democracias Populares na luta pela



Paz e o seu respeito pela independência e liberdade dos povos no mundo inteiro.

Sobre nós, comunistas, recai uma grande responsabilidade na execução da luta pela Paz. Saibamos, pois, fortalecer e alargar a luta pela Paz no nosso país, intensificando a recolha de assinaturas para o Pacto de paz entre as 5 Grandes Potências e mobilizando as massas para acções concretas de luta contra os salazaristas fomentadores de guerra e lacaios dos imperialistas anglo-norte-americanos.

A UNIDADE DA CLASSE OPERARIA

É condição essencial para a Vitória da Luta
PELO PÃO, PELA PAZ

GES
PCP

De norte a sul do país agrava-se dia a dia a situação económica das massas trabalhadoras em consequência da desenfreada política de guerra e exploração da camarilha salazarista. Para fazer frente a esta criminosa política, os trabalhadores só têm um caminho: a luta. Mas lutar não basta. É preciso lutar de forma organizada, forjando e mantendo no decorrer da luta a mais sólida Unidade.

Os inúmeros exemplos de lutas reivindicativas travadas no nosso país dizem-nos que estas sempre conseguem triunfar lá onde os trabalhadores se apresentam unidos e dispostos a lutar até ao fim pelas suas reivindicações, assim como a apoiarem sempre e firmemente os seus mais destacados companheiros que conduzem essas lutas. Essa rica experiência ensina-nos que o fascismo e o patronato temem a Unidade dos trabalhadores e só atenderão às justas reclamações dos trabalhadores na medida em que estes se unam e manifestem a firme determinação de fazer triunfar as suas reivindicações.

É fácil despedir e fazer substituir por outro um operário ou mesmo uma dezena, nas empresas maiores, mas fazer o mesmo a uma centena ou a um milhar já não é coisa fácil. Por isso, quando os pedidos para aumento de salários ou quaisquer outras reivindicações são apoiados pela totalidade ou mesmo pela maioria dos trabalhadores duma empresa, duma localidade, duma região, (por meio de exposições assinadas, por concentrações nas empresas e nos sindicatos, por paralizações, etc.) o patronato e o fascismo são obrigados a ceder e os trabalhadores que encabeçaram a luta por essas reivindicações são defendidos, uma vez que a sua acção representa a vontade da maioria que nesse sentido se manifestou. Isto quer dizer que os trabalhadores devem não só eleger as suas Comissões de Unidade para em nome de todos reclamarem junto do patronato, dos Sindicatos nacionais e das autoridades, mas também manterem-se vigilantes, interessando-se dia a dia, hora a hora, pelo trabalho das suas Comissões de Unidade, fim de que os trabalhadores que delas fazem parte, homens e mulheres, se possam apoiados e defendidos da repressão fascista e patronal.

Neste momento em que a camarilha salazarista intensifica por todas as formas os preparativos para uma nova guerra e escraviza a economia do país aos imperialistas estrangeiros fazendo cair sobre os ombros já descarnados das classes trabalhadoras todo o peso desta ruinosa política, que acarreta o aumento fabuloso dos impostos, descostos, alcavalas etc.; a subida crescente do custo de vida, a paralização das indústrias pacíficas, a baixa dos salários, o desemprego total e parcial de centenas de milhares de trabalhadores; neste momento em que milhões de contos roubados aos trabalhadores são queimados em preparativos de guerra, em quanto em todo o país não há hospitais, escolas, estradas, água corrente, luz eléctrica e em que outras obras de construção civil, que empregariam milhares de operários, se encontram paralizadas por falta de verbas, neste momento, cabe aos trabalhadores portugueses e em particular à classe operária, ter aquela justa orientação bem presente na sua luta contra a exploração e a guerra.

Cabe aos militantes comunistas saber esclarecer e orientar os trabalhadores de forma que a luta pelo Pão se entrelasse com a luta pela Paz, explicando-lhes que o agravamento da já miserável situação económica dos trabalhadores — é uma consequência directa da política de guerra salazarista, explicando-lhes os perigos que para o povo e o País, e em particular para as classes trabalhadoras, representa o prosseguimento de tal política.

... é suficientemente claro para cada um dos trabalhadores que luta, pelo Pão, pela Paz e que luta pela Paz é lutar pelo Pão. Há que explicar que a medida imediata que em determinada empresa os trabalhadores se erguem na luta por aumento de salários e contra os despedimentos eles estão lutando efectivamente contra as consequências nefastas, para as classes trabalhadoras, da política de guerra socialista, pois que exigem assim que o dinheiro em vez de ser queimado em preparativos de guerra seja empregado em obras de construção pacífica e na melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras, do povo.

Compe e em especial aos comunistas, como combatentes de vanguarda na defesa dos interesses sagrados da classe operária e da Paz, transformar as lutas reivindicativas nas empresas e neutros locais de trabalho em outras tantas jornadas de luta pela Paz.

Na medida em que isto for feito, fortalecer-se-á e alargar-se-á a Unidade da classe e perória, condição indispensável para a conquista de melhores condições de vida e da manutenção da Paz.

A experiência indica-nos que lá onde os trabalhadores se dispõem à luta a sua situação melhora. Pelo contrário, a situação dos trabalhadores piora nas empresas ou classes onde os trabalhadores não foram ainda capazes e não souberam ainda, fojar na luta a sua Unidade.

Sendo esta a situação cabe perguntar: Não serão estes trabalhadores capazes de vencer uma tal situação? Não haverá entre eles operários e operárias suficientemente conscientes e capazes de se lançarem a luta e com eles os seus companheiros de trabalho? Terá de concluir-se que semelhante situação significa incapacidade para a luta por parte dos trabalhadores dessas empresas ou classes?

Não, é esta a realidade. Entre estes trabalhadores há centenas e centenas de dirigentes lutadores empenhados na sua classe. Sobre muitos destes trabalhadores de vanguarda tem caído o peso das represálias do fascismo do patronato reaccionário, os quais têm despedidos uns e prendido outros, porque na maior parte dos casos estes trabalhadores não têm sabido defender a sua acção ligando-se estreitamente às massas da sua empresa ou classe. Actuando isoladamente, não fazendo partilhar na luta a maioria dos seus companheiros de trabalho, de modo a estabelecer com eles uma sólida e indestrutível Unidade, estes trabalhadores de vanguarda têm ficado isolados e os seus esforços não têm tido êxito. Esta debilidade é particularmente grave no sector operário do norte onde, apesar das várias lutas victoriosas travadas nos últimos anos, o nível de salários da classe trabalhadora continuam sendo o mais baixo do país.

Queremos chamar aqui também a atenção dos militantes do partido e das suas organizações para um desvio muito perigoso no seio do movimento operário português e em relação ao qual devemos estar em guarda. Este desvio foi-nos revelado pela experiência e algumas lutas reivindicativas no nosso país, particularmente a grande movimentação da classe textil do Norte, nos anos que vão de 1943 a 49, e consistiu em canalizar a luta reivindicativa não para junto do patronato das empresas mas sim, para os sindicatos e I.N.T. Esta tendência legalista e trade unionista conduziu quase sempre ao isolamento das Comissões de Unidade das massas trabalhadoras da empresa, quebrando nestas o entusiasmo e a combatividade com que iniciaram a luta.

Devemos ter sempre presente que a luta reivindicativa junto do patronato é a única forma de manter permanentemente vivo o espírito de luta das massas e de cimentar a Unidade de acção entre estas e as suas Comissões de Unidade tornando-as impenetráveis à acção repressiva do patronato reaccionário e do fascismo.

Quere isto dizer que devemos subestimar a importância das acções junto dos Sindicatos Nacionais e do I.N.T. como armas de luta a utilizar pelo proletariado? Não, de modo nenhum. O nosso Partido tem salientado muitas vezes a importância da utilização dos Sindicatos Nacionais em apoio das reivindicações dos trabalhadores, assim como a importância das representações junto do I.N.T., Ministério das Corporações e outras autoridades, como meio de pressão a utilizar no sentido de forçar uma decisão em favor dos trabalhadores. Do que se trata simplesmente é de termos uma compreensão justa quanto à utilização destes meios de luta. Eles devem ser usados não em substituição da luta junto do patronato, nas empresas, mas sim em apoio desta luta, como um complemento dela. É no patronato que as massas vêem os responsáveis directos pela exploração de que são vítimas; é dele, portanto, que devem exigir a solução para os seus problemas.

imediatos.

A todos os nossos militantes organizções cabe a tarefa de assimilar esta experiência e transmiti-la às massas para que a luta em defesa dos seus interesses seja conduzida numa forma justa.

É preciso que os trabalhadores de vanguarda e em particular os comunistas se liguem estreitamente a todos os seus companheiros de trabalho, os chamem todos a participar na luta pela melhoria das suas condições de vida e pela Paz. A experiência prova-nos que isto é possível pois todos os trabalhadores se encontram interessados na solução daqueles problemas que lhes são comuns.

Só na medida em que as massas trabalhadoras, com a classe operária à frente, forjarem em todas as suas lutas uma ampla e sólida Unidade é que a luta pelo Pão e pela Paz será conduzida vitoriosamente até ao fim.

DISCIPLINA PARTIDÁRIA

Resolução do Secretariado sobre as prisões
de 1949 no Minho

GES
PCP

Em princípios de 1949, e servindo-se de elementos referenciados pelas suas actividades na Candidatura, a P.D.E. iniciou uma ofensiva em Santo Tirso, que depois se estendeu a toda a região de Famalicão, Delães, Trofa Arcos de Valde Vez, etc. prendendo dezenas de pessoas e entre elas bastantes militantes e simpatizantes do Partido. Dos camaradas presos, alguns houve que souberam portar-se à altura de membros do P. e das suas responsabilidades, não fazendo declarações à polícia. No entanto, uma grande parte dos camaradas vacilou perante o inimigo de classe e entrou no caminho das declarações e das «confirmações». Noutros casos, os camaradas, suportaram bem o primeiro cho. ue como polícia, mantiveram-se firmes, mas quando foram sujeitos a acareações não souberam manter a mesma posição firme diante dos cobardes e denunciadores e acabaram por confessar aquilo que antes tinham sabido negar. Houve ainda os que, cobardemente, foram miseráveis denunciadores e se mostraram indignos do nome de comunistas.

Apesar da forma errada como o recrutamento desses elementos foi feito, da falta de compenetração do trabalho e da in experiência de muitos camaradas, o Secretariado, que vem seguindo uma política intransigente no sentido de limpar o nosso Partido de todos aqueles elementos que perante o inimigo não sabem portar-se à altura dos seus deveres para com o seu Partido e para com o povo português, resolveu:

1º.— Expulsar do Partido a Alberto Moreira, (Santo Tirso) Joaquim da Silva Carneiro, (Famalicão), Américo da Costa, (Santo Tirso), Manuel da Costa Lemos. (Bairro), José Pereira de Faria (Ruivães) e José Alves da Silva Machado (Delães), por terem denunciado camaradas e actividades do Partido na região. Os dois primeiros foram ignóbeis denunciadores, que só à sua parte entregaram a P.D.E. cerca de 40 camaradas e democratas, chegando à infâmia de andarem com a P.D.E. em forgonetes para localizarem as casas onde ela havia de efectuar prisões.

2º.— Expulsar igualmente do Partido como traidores a José Meira (Carreira), Carlos Cunha (Arcos de Val de Vez), Silvério de Freitas (Famalicão), Alcina da Silva Correia da Cruz (Famalicão) e Manuel Vilar da Faria (Famalicão), por denunciarem outros elementos e renegarem o Partido. Entre estes traidores a causa do proletariado e do povo destacam-se o poeta Carlos Cunha e o recoveiro José Meira que, além de terem fornecido à polícia todas as informações que lhe poderam dar, difamaram publicamente o Partido.

3º.— O Secretariado aguarda informações mais precisas sobre o comportamento dos camaradas de Fafe, Ponte da Barca, Arcos de Valde Vez, Ponte de Lima e Viana do Castelo, para depois se pronunciar sobre o comportamento desses elementos.

4º.— Todos os elementos agora expulsos do Partido mostraram falta de dignidade comunista e cobardia perante o inimigo. Poucos dos camaradas presos souberam manter uma atitude irrepreensível perante a polícia ou ao tribunal, revelando falta de consciência de classe e firmeza. Esta dura experiência colhida pelo nosso P. m.p.c.:

a) a discussão em todos os organismos do P. na região do Minho desta resolução disciplinar;

b) uma ampla discussão sobre qual deva ser o comportamento dos comunistas na polícia, na base de casos concretos.

MAIS TRABALHO COLECTIVO, MAIS VIDA POLÍTICA DAS ORGANIZAÇÕES DO PARTIDO

GES
PCP

Que cada empresa seja uma cidadela nossa

A brutal repressão fascista, desencadeada na esperança de aniquilar o Partido e impedir a orientação das lutas do nosso povo, não impedirá a vitória total da Democracia no nosso País.

Mas para alcançarmos esta vitória temos um duro caminho a percorrer. A luta será cada vez mais dura e para o nosso Partido adirão novas e mais pesadas responsabilidades políticas. Para as vencer é necessário que as organizações do Partido tenham vida orgânica e política e uma ligação cada vez mais estreita com as massas. Devemos por isso passar uma revista às várias nossas organizações, assinalando as deficiências rectificando-as e criando o trabalho orgânico do Partido.

Se há muitos organismos do Partido com vida política e orgânica, existem outras com uma actividade fechada e sem ligação com as massas. Há células que não reúnem, limitando-se a contactos individuais para entrega de imprensa, recolha de fundos e pouco mais. Porque não existe vida política e actividade de massas nalgumas organizações do Partido? Por incompreensões dos camaradas, por falta de ajuda a essas organizações e ausência ou deficiência de controle de execução pelos organismos superiores.

Nalguns sectores, em virtude da repressão fascista, foi resolvido efectuar um recuo, interrompendo por algum tempo as reuniões colectivas. Mas as condições já melhoraram para alguns organismos e os nossos camaradas continuam a manter o recuo rotineiramente, sem se aperceberem de que as condições já se modificaram. É o caso, que há pouco soube-se de uma célula de empresa que não reúne há mais de um ano. Também há organismos sem vida porque a fonte deles estão camaradas que se assumam com o desenvolvimento das organizações o que os leva a tornarem-se verdadeiros travões do progresso do trabalho. Além disto, alguns camaradas bastante responsáveis subestimam a importância da vida política e orgânica das organizações que controlam. Esta incompreensão reflecte-se no trabalho do Partido. Por exemplo: um camarada resistia à constituição de organismos colectivos (comités locais, células, etc.) alegando que os camaradas ainda não tinham dado as suas provas ao Partido. O camarada espatifava-se em encontros individuais e sentia-se desanimado porque o trabalho não progredia. E como havia de progredir? Com tal estilo de trabalho não era possível formar quadros, criar novas organizações, consolidar o Partido, conduzir um trabalho de massas. Outro camarada resistia a criar organismos colectivos porque, dizia ele, em caso de prisão seria aconselhável que os camaradas não se conhecessem. O camarada mostrava assim não ter confiança no trabalho colectivo, não via que é nos organismos colectivos e no trabalho de massas que os camaradas aprendem a defender-se e desenvolvem a consciência de classe e o amor ao Partido, factores fundamentais para ter um porte digno ante a polícia. Por outro lado, o camarada não tinha em conta que a organização do Partido se deve compartimentar pois essa é a melhor defesa dos camaradas e não o trabalho em cadeia.

Sectores onde o trabalho de organização apresenta debilidades como as que acabamos de citar, não há recrutamento de novos camaradas e alguns camaradas abandonam mesmo a actividade. Porquê? Não há recrutamento porque não há movimentos de massas e o recrutamento faz-se entre os trabalhadores que mais se destacam na condução da luta pelo seu espírito combativo, consciência de classe e seriedade. Os casos de camaradas que abandonam a actividade sem qualquer justificação dão-se porque sendo, na maioria dos casos, homens sérios que vieram ao Partido dispostos a lutar, ficam decepcionados porque não lhes são distribuídas tarefas concretas, não reúnem, limitando-se a ler a imprensa e a dar dinheiro.

Algumas experiências das mais recentes mostram-nos como é possível rectificar

estes d. filiações. Num sector existe uma empresa onde havia um bom grupo de camaradas que não reuniam nem desenvolviam actividade. Para ajudar es- es camaradas a reorganizar o trabalho foi efectuada uma reunião com os mais dedicados. Reorganizou-se o secretariado de empresa e em cada reunião destes organismos passou a haver uma «letra de trabalho» onde figura o pontos como: Luta pela Paz, organização da luta por aumento de salários e outras reivindicações na empresa, trabalho sindical, Movimento Nacional Democrático, juventude, fundos, agitação, etc.. Passaram a ser tomadas resoluções sobre cada um destes pontos e a sua distribuição para as concretas a cada um dos camaradas do organismo. Os resultados deste trabalho não se fizeram es. erar. Dois meses depois havia na empresa uma Comissão de Paz que já recolheu bastantes assinaturas e fez agitação da Paz; uma Comissão Sindical elaborou a lista de oposição para as eleições do Sindicato; os operários da empresa esão discutindo as reivindicações a apre- tar ao patronato. O número de camaradas da célula aumentou também.

É de notar que na primeira reunião para a reorganização desta célula de empresa os camaradas de leram que não havia mais ninguém que pretas e. Hoje reconhecem que estavam enganados e que era a falta de traba ho este tipo e de actividade de massas que não deixava revelar novos quadros. Hoje, animados pelos êxitos, os camaradas querem andar muito tepressa, pondo em risco a segurança do trabalho. Mas está sendo dada a ajuda necessária para a defeta conspirativa sem prejuizo do desenvolvimento do trabalho.

Outros exemplos poderíamos citar, mas julgamos que estes são suficientes para compreendermos o caminho que deve ser seguido em todo o Partido. A situação exige que uma boa parte das energias dos camaradas do nosso Partido seja empregada na consolidação orgânica, no bom funcionamento dos organismos e na sua ligação com as massas. Os nossos esforços deve n orientar-se para o bom funcionamento dos Comitês Provinciais, Regionais, Sub Regionais, Comitês Locais e de Zona e para as células de maior importância. Para is o devemos aproveitar todas as nossas forças e empregá las harmoniosamente nos pontos fundamentais e pela ordem de importância do trabalho existente em cada sector. Ali onde existe indústria, a o a orientação deve vir-se para a organização de células de empresa, consolidando as existentes e criando outras. Elas são os organismos fundamentais do Partido. Léia, referindo se às células de empresa, disse que e as são particularmente importantes para nós pois a fo ç principal do movimento res e na organização do proletariado no seio das grandes empresas, não ó po que nelas está a parte mais numerosa da classe operária, mas também a mais influente, a mais desenvolvida e a mais combativa. É preciso que cada empresa seja uma cidade la nossa. Estas palavras de Léia, que foram escritas em Setembro de 1902, são perfeitamente actuais e devem estar presentes no nosso trabalho. Activamente, e na empresa que os comunistas melhor podem instruir a classe operária e aprender dela. É na empresa que os comunistas podem dar a melhor contribuição a luta e se temperam como militantes do Partido de vanguarda, e onde o Partido se radica nas massas.



PELO REFORÇAMENTO DO TRABALHO CONSPIRATIVO E DA VIGILANCIA DE CLASSE

A experiência do nosso Partido e do movimento operário internacional ensina- nos que o inimigo de classe utiliza todos os processos para penetrar nos Partidos Comunistas e nas organizações progressivas. Através dos seus agentes provocadores, o inimigo de classe procura localizar e prender os mais abnegados e activos militantes do Partido e das organizações progressivas e impedir o alargamento da pela luta Paz pelo Pão e pela Democracia. Esta acção é dirigida superiormente pelos fomentados de guerra arg o-norte-americanos. Em cada país capitalista, as forças da mais negra reacção colocam-se abertamente ao serviço dos fomentadores de guerra de Washington e de Londres e contra os interesses das suas Patrias, do bem estar dos seus povos e fomentam a guerra. Este é o caso da camarilha salazariana no nosso país.

Nos países de Democracia Popular, os imperialistas anglo-norte-americanos,

apoiados pelos restos da reacção (que ainda não foi completamente aniquilada mas que o será implacavelmente) pretendem impedir a consolidação do regime democrático popular e enervar a marcha destes povos para o Socialismo. São bem significativos os recentes exemplos de traição da camarilha de Tito na Jugoslávia, de Rajk na Hungria, de Koutov na Bulgária, etc.. No nosso país são igualmente flagrantes a acção do «Grupelbo» provocatório de 1937 a 1940 e, mais recentemente, os vários casos de agentes provocadores infiltrados nas organizações de base do Partido, do Movimento Juvenil, no Movimento Nacional Democrático e em outras organizações progressivas, a alguns dos quais já desmascarados na nossa imprensa. Por tudo isto, a defesa contra a acção repressiva dos fomentadores de guerra fascistas e dos seus instrumentos — a P.I.D.E., a Legião, a União Nacional etc., — impõe a necessidade indissolúvel de se criar e levar à prática medidas de defesa que travem a acção provocatória dos elementos que falsamente se intitulam comunistas ou democratas sem part do.

Apesar da circular de Março 1950, da Direcção do Partido, chamar a atenção das organizações e militantes para este problema, apontando uma série de medidas que se impunha levar à prática com vistas a defender o Partido e o movimento anti-fascistas da provocação, apesar dos organismos de Direcção alertarem constantemente o Partido para este problema vital, verifica-se que a gravidade deste problema não foi ainda totalmente compreendida por alguns camaradas e organizações do Partido, que estes não compreendem ainda que hoje a sua tarefa nº 1 é a defesa do Partido, o reforçamento da vigilância de classe dentro do Partido e o reforçamento do trabalho conspirativo.

Eis alguns exemplos de como a falta de vigilância e de noção das res. o sabi-
dades pode trazer ao Partido perigosos agentes provocadores.

Num sector chamou-se e indicou-se para tarefas de responsabilidade elementos há muito afastados do Partido por ser suspeita a sua conduta e outros cuja biografia, política se desconhece. Nesse mesmo sector, por negligência, ausência de firmeza, ausência da noção das responsabilidades e de compreensão de que as resoluções se tomam para ser cumpridas, dois organismos do Partido não se absteram de admitir a provocação no seio do movimento anti-fascista. Mais se verifica ainda nesse mesmo sector que alguns funcionários não estão em condições de dar uma informação minuciosa sobre alguns quadros com quem têm mantido ligação.

Neutro sector deram-se jesses para ligar a tarefas da maior responsabilidade partidária um elemento, membro do Partido, que tinha concorrido a um lugar numa empresa americana que se vai instalar no nosso país para fins de guerra.

Exemplos como este põem em perigo a defesa do Partido e indicam que os camaradas e organismos responsáveis por tais deficiências não estão à altura das exigências da situação.

Não são graves somente as faltas conspirativas; são ainda mais graves as faltas de vigilância de classe. Por isso, o Partido e a sua Direcção têm de ser inflexíveis, continuando a exigir o cumprimento das resoluções respeitantes à defesa do Partido e tomando todas aquelas medidas que as circunstâncias impunham com o objectivo da defesa do Partido, tarefa principal e fundamental do momento presente.

A defesa do Partido continua a impor:

- 1 — Uma verificação cuidadosa dos militantes e simpatizantes do Partido.
- 2 — A não admissão de novos membros sem um conhecimento completo da sua biografia política e moral e sem a aprovação dos organismos dirigentes do Partido.
- 3 — uma cuidadosa selecção e promoção dos quadros;
- 4 — uma acção especial aos elementos que saíram da prisão, pois alguns têm vindo com compromissos com a polícia. Nenhum destes elementos deve ser ligado ao Partido sem que a sua situação esteja bem esclarecida.
- 5 — desmascaramento implacável dos agentes provocadores e discussão nos organismos do P. de todos os casos de provocação;
- 6 — elevação do nível político e ideológico de cada membro do Partido como condição indispensável para o fortalecimento da consciência de classe dentro das fileiras do Partido;
- 7 — medidas disciplinares em relação aos militantes e organismos responsáveis que por falta de vigilância permitam a acção da provocação no seio do Partido ou do movimento anti-fascista.
- 8 — maior regularidade na vida política, colectiva e orgânica das organizações do Partido e intensificação da crítica e auto-crítica construtivas em todo o Partido